

A Tempestade de Shakespeare e a questão do perdão: lembrar sem pesar para poder ainda sonhar

*Neyza Prochet**

Somos desta matéria de que os sonhos são feitos
E nossa breve vida é circundada pelo sono.
W. SHAKESPEARE

Depois de nos oferecer grandes tragédias como Othello, Macbeth, Hamlet, Antônio e Cleópatra, Coriolano entre muitas, Shakespeare abandona as soluções trágicas e escreve suas últimas peças com uma perspectiva distinta. Barbara Heliodora (2009) descreve a etapa final de sua obra como a produção de “romances”, marcados por um traço redentor e onde “vemos acontecimentos que poderiam ou deveriam ser trágicos, porém onde todos, ao final de algum sofrimento, acabam podendo contornar seus problemas mais graves” (2009, p. 147).

De acordo com a autora, o período coincide com um momento de inquietude da sociedade inglesa. Elizabeth havia morrido cinco anos antes, sem herdeiros e James I, filho de Mary Stuart, nem sequer era inglês, resultando em um ambiente de inquietude e incerteza acerca dos destinos da nação. A dramaturgia, que havia florescido espetacularmente durante o reinado da rainha, trazendo sofisticação e requinte às produções, mostra-se agora mais voltada a um teatro mais contido, realizado em ambientes fechados e onde Heliodora assinala certa superficialidade nas produções daquela época. A Tempestade, assim, é fruto deste contexto, sendo a última obra completa de Shakespeare. Depois dela, ele nada mais publicou, saindo de Londres e indo para sua cidade natal, onde veio a falecer dois anos depois.

* Psicóloga, psicanalista, membro efetivo do CPRJ, mestre e doutora em Psicologia Clínica USP-SP.

Os comentários de Heliodora sobre as circunstâncias históricas em que a peça foi escrita, associados ao momento pessoal de Shakespeare fazem-me pensar em um elemento comum: uma maior consciência acerca da transitoriedade que marca os acontecimentos da vida e a percepção da finitude das coisas e a presença inexorável da morte, por contiguidade e correlação.

A *Tempestade* é uma obra enganosa, tomada por muitos como uma obra menor, tratando-se de uma simples história de amor e perdão. Ela é uma história de amor e perdão e é mais. É uma peça sobre a natureza humana, sobre a enorme complexidade das relações de um indivíduo com seus impulsos e afetos, entre ele e seus semelhantes e também daquilo que deriva dos modos de relação entre um indivíduo e os mecanismos políticos e de poder.

A troca de gênero de Próspero em Próspera no filme de Julie Taymor (2011) é particularmente interessante, no que diz respeito à discussão das relações pais-filhos. Parece-me que, dentro de uma ótica feminina, não importa o gênero da figura de poder, retirando da cena dramática as questões edípicas, enfatizando ainda mais o trauma disruptivo da traição, o colapso da confiabilidade do ambiente e dos vínculos interpessoais. Próspero torna-se Próspera, um personagem, que, independentemente do gênero escolhido para a montagem da peça, tem as mesmas falas, sem necessidade de qualquer alteração ou adaptação. Amorosa com a filha, leal ao fiel seguidor, Próspera também é cruel, colonialista, escravocrata, vingativa, manipuladora. No filme, continua a ser chamada de Mestre, título dado por Shakespeare a seu personagem, o que enfatiza mais ainda o poder de seu lugar.

Vejo a *Tempestade* como uma história de transformação, uma alegoria sobre o trauma e as experiências mutativas que dele podem derivar. É uma obra que fala do melhor e mais transcendente e também nos aponta o pior sobre sentimentos abjetos, materialistas, carnais – depositados especialmente em Calibán, o espírito das paixões sem freio, nos personagens humorísticos da trama como Trínculo e Stephano e em Antônio, o irmão traidor – mas presentes em todos os personagens, com exceção dos enamorados Miranda e Ferdinando. A trama nos apresenta descuido, inveja, traição, ódio, ressentimento, vingança. Testemunhamos as consequências da inveja, ambição, luxúria e toda gama de emoções ligadas a fracassos, traições e perdas.

Como curiosidade, e mais ligado à peça que ao filme apresentado, os biógrafos comentam que, na época da escritura da peça, Shakespeare tinha uma filha, Judith, em idade de casar e cujo pretendente engravidou outra moça.

Nunca teremos certeza, mas pode ser que as provas de amor exigidas a Ferdinando possam ter relação com sua experiência com a própria filha. De qualquer maneira, o que permanece em questão é a confiabilidade do meio.

Próspera/o conjura para a ilha todo tipo de gente, da mais abjeta à mais inocente para vingar-se. O ambiente da ilha sugere que, mesmo distante da situação original – a corte, o luxo – o caráter dos personagens envolvidos, aliás, a falta de caráter, se evidencia ainda mais claramente.

Nos primeiros momentos da peça, uma tempestade terrível põe em risco um navio e sua tripulação. A bordo, Alonso, rei de Nápoles e seu filho, Ferdinando. No caos da tempestade, o contramestre expulsa os nobres do convés e Gonzalo, um nobre conselheiro da corte, será o elemento de ligação entre as classes sociais distintas reunidas no navio, dirigindo-se, inicialmente, ao capitão do navio:

“Gonzalo: Muito bem, mas lembrem-se de quem tem a bordo.

Contramestre: Ninguém de que eu goste mais do que a mim mesmo. O senhor é conselheiro; se puder calar os elementos e trazer paz ao presente, nós não tocamos mais numa só corda. Mas se não puder, dê graças por ainda estar vivo e vá se preparar no camarote para os riscos do que pode acontecer numa hora dessas. Ânimo, meus corações!”

Na iminência do naufrágio, Gonzalo, mais uma vez, reúne todos e lembra aos marinheiros, o destino em comum: *“O rei e o príncipe rezando. Vamos ajudá-los, a causa é nossa (nosso caso é o mesmo deles).”* Finalmente, quando o grupo sobrevive à tempestade, Gonzalo é novamente a voz da experiência compartilhada, desta vez dirigindo-se ao rei: *“Alegre-se, senhor. Tem causa justa - como nós - de alegria. Os que escaparam muito excedem as perdas. Nossa dor é comum. Diariamente a mulher de um marinheiro, mestre ou mercador tem dor como esta.”*

De forma magistral, Shakespeare nos lembra, desde o início da trama, de que o que é tratado ali, num tempo sem tempo, num lugar fora dos mapas, diz respeito a todos os seres humanos, atores e audiência, independente de posses ou posição. Todos estamos implicados e, como diz o ditado, ao final do jogo, rei e peão vão para o mesmo lugar.

Logo após a cena do naufrágio, Próspera/o anuncia à Miranda que chegou a hora de lhe dizer quem é e convoca a lembrança da filha.

“Próspera/o: Diga se alguma coisa, alguma imagem, ficou-lhe na lembrança.

Miranda: Bem de longe, parece mais um sonho que certeza que a memória garanta. Mas não tive quatro ou cinco mulheres para cuidar-me?

Próspera/o: Como pôde viver isso em sua mente? O que vê no escuro abismo do tempo passado? Se se lembra de coisas desse tempo, sabe, talvez, como viemos.” (p. 19)

Próspera/o conjura a tempestade não só para se vingar, mas, percebemos depois, para garantir o futuro da filha, convocando o passado para restaurar a quebra originada pelo trauma da traição. Um trauma que provocou uma ruptura de tal ordem, que a sobrevivência só pode acontecer no isolamento e no mundo da fantasia onipotente.

“Próspera/o: Ouça mais, para eu trazê-la até os fatos de hoje que estamos vendo, sem o quê a história não faz sentido.” (p. 24).

É um paralelo interessante alinharmos as memórias de pai/mãe e filha. O primeiro guarda a traição, a segunda, recorda o cuidado. Já, nos momentos iniciais, ódio e amor se apresentam em paralelo.

Como saída da ilha e do trauma, Próspero decide, finalmente, contar à filha sua história. A narrativa surge com explicativa da vingança a seguir. No entanto, a experiência de renovar seu contato com as figuras do passado e do encontro da filha com a cultura da qual havia radicalmente se afastado, causa nela uma experiência de transformação. A narrativa surge, então, como o contraponto necessário à violência. Ela restaura o que foi ameaçado, gravemente, pelas rupturas e perdas sofridas: a esperança e possibilidade de confiar num outro, que, não, necessariamente, é o inimigo. A reconstituição reflexiva de uma história permite que novas narrativas sejam construídas (PROCHET, 2011).

Em uma entrevista a George Viereck (1930), Freud diz que a Psicanálise torna a vida mais simples quando ela “reordena um emaranhado de impulsos dispersos, procura enrolá-los em torno do seu carretel. Ou, modificando a metáfora, ela fornece o fio que conduz a pessoa fora do labirinto do seu inconsciente”. Utilizando a metáfora de Freud, testemunhar a experiência inaugural de Miranda, no contato com um mundo habitado por pessoas e não apenas espíritos, será o carretel utilizado por Próspera/o na saída, não apenas da ilha, mas no seu reencontro com o mundo do humano.

Bárbara Heliodora (2009) assinala um ponto que fica obscuro na trama, mas que me parece essencial para o desenrolar dos acontecimentos e que me permitiu imaginar uma dimensão distinta de uma perspectiva moralista de bondade e perdão, por demais linear e superficial. Próspera/o, quando Duque de Milão, havia abandonado seu cargo e entregue o reinado ao irmão, para poder entregar-se isolada e exclusivamente ao estudo da magia. Para a crítica de teatro, Shakespeare considera igualmente grave a omissão do Duque en-

quanto governante, tanto quanto a usurpação pelo irmão. Próspera/o, na ambição de ser também senhor da Magia, permitiu que a inveja e ambição do irmão produzissem a tragédia da usurpação e exílio, quase morte.

O tema da usurpação é constante na peça e onde, na chegada à ilha mágica, Próspera/o é, agora, o usurpador, usando os mesmos recursos de violência e dominação ocorridos em seu antigo domínio.

Se, no início, o objetivo de Próspera/o era a retaliação, o empoderamento e retomada de domínio, algo acontece com o protagonista ao longo da peça. Através de Ariel, reencontra a compaixão e percebe que a vingança, que lhe garantiria não somente o retorno à corte, mas traria de volta as mesmas condições que geraram sua provação de início. Vê-se compelida a mesma escolha que fazemos em todo processo analítico: repetimos ou renovamos? Vingança ou perdão? Onipotência ou humanidade?

“Próspero: se você, que é só ar, fica afetado por suas aflições, não hei de eu, que sou da espécie deles, e que nutro paixões iguais, sentir mais que você?”

Os crimes deles me tocaram fundo, mas com a razão, mais nobre, contra a fúria tomo partido: a ação mais rara está na virtude, mais que na vingança.”

Ao reconhecer o amor de Miranda e Ferdinando, encontra uma outra direção para lidar com a finitude. A continuidade através da descendência. Percebe, também, que há algo na existência que, embora limitada, também, tal qual nos sonhos, não perde seu valor por sua finitude, pois há algo mais, na vida e no sonho, que transcende os limites físicos.

Por meio do que, metaforicamente, vive naquele dia na ilha, ela se dá conta da fugacidade do que se vive, de que aquilo que criamos desaparece, da inevitabilidade da finitude e do triunfo, sem vitória da vingança.

“Próspero: Nossa festa acabou. Nossos atores, que eu avisei não serem mais que espíritos, derreteram-se no ar, em puro ar. E, com a trama vã desta visão, as torres e os palácios encantados, templos solenes, como o globo inteiro.

Sim, tudo o que ela envolve, vai sumir sem deixar rastros. Nós somos do estofado de que se fazem sonhos; e esta vida se encerra no sono.”

Próspera/o escolhe seu caminho e mais do que libertar os prisioneiros, liberta-se deles, da necessidade de tudo controlar.

“Próspera: sob meu comando as tumbas libertaram seus defuntos, graças à minha arte. Mas tal mágica aqui renego; (...) para alcançar meus fins pelos sentidos que tal encanto toca, eu quebro a vara e a enfio muitas braças dentro da terra. E mais profundo que a mais funda sonda, enterrarei meu livro.”

Ele/ela renuncia à onipotência, renuncia ao isolamento mágico e reclama ao irmão aquilo que lhe pertence, o Ducado, que, como metáfora, se aplica ao

um lugar legítimo e de valor no mundo compartilhado. Como Heliodora (2009) aponta e cujo ponto de vista compartilho, a grande lição aprendida por Próspera/o é a de que o uso da magia é limitado e circunscrito. Na resolução dos problemas humanos ou de Estado, não há soluções mágicas e miraculosas. Boas relações ou bons governos precisam de homens, não de magos ou espíritos sobrenaturais. O homem amargo, raivoso, sempre buscando o mágico e se afastando do terreno, consegue, enfim acolher sua própria humanidade e a humanidade daqueles que participaram do drama, desde o início.

“Próspera/o: você, tão vicioso que chamá-lo de irmão me infectaria a boca, eu perdoo e a todos os seus crimes – mas reclamo de você meu ducado que, por força, me há de restaurar”.

Com Ariel, há um momento tocante despedida em sua libertação e com Caliban observamos um dos momentos mais emocionantes do filme: um encontro silencioso, densamente emocional e ambíguo.

Próspera oferece o perdão a Caliban? Teria ela este direito? Se na peça, a fala endereçada a Caliban é superficial e sem expressão, “se pretende ser perdoado, comporte-se bem”, o filme de Taymor oferece uma passagem inesquecível, onde o diálogo silencioso entre Próspera/o e Caliban termina com o segundo subindo as escadas e saindo por uma porta em diagonal, que aponta o céu azul como fundo, deixando o momento suscetível à interpretação de cada um. Há a possibilidade de algum tipo de resolução entre os tipos de conflitos que estes personagens representam?

O momento do reencontro entre pai e filho, onde Próspera/o apresenta Miranda e Ferdinando vivos, é o momento da redenção, marca das obras finais de Shakespeare, onde caberá aos filhos sanar os conflitos entre seus pais. A finitude não carrega apenas a morte consigo, ela também traz a vida, através de um novo olhar.

“Miranda: É sonho! Mas quanta gente bela está aqui! Todos belos! Quão grandioso é o mundo novo, para conter gente assim!”

A história se completa e Gonzalo, mais uma vez, é a voz que nos lembra que aquilo que foi o que foi vivido no palco e na tela, também o é por nós, em nossa própria vida.

“Gonzalo: Estando perdido, Próspero encontrou na ilha um ducado; e nós a nós, quando todos sem rumo”.

Assim como Próspero/a se despede de seus poderes, é possível que esta escolha refletisse também a de Shakespeare ao fazer de *A Tempestade*, sua obra final. No Epílogo, ele se despede, pedindo a nós, expectadores sua libertação – *“Quem peca e quer perdão na certa, por indulgência me liberta.”*

Talvez seja esta a maior riqueza que uma obra pode oferecer: ser capaz de, ao mesmo tempo, conter e transcender a experiência humana.

Junho/2016

Neyza Prochet
nepr@uol.com.br
Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

A TEMPESTADE. Direção: Julie Taymor. USA, 2011.

HELIODORA, B. *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LINGS, M. *A arte sagrada de Shakespeare: o mistério do homem e da obra*. São Paulo: Polar, 2004.

PROCHET, N. *A narrativa do inominável*. In: Mesa redonda no CPRJ. Rio de Janeiro: CPRJ, 2011.

SHAKESPEARE, W. *A Tempestade*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

VIERECK, G. *O valor da vida: uma entrevista rara de Freud*. Disponível em: <http://www.freudpage.info/entrevista_freud-4.html>. Acesso em: 26 jun. 2017.

WINNICOTT, D. W. *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.